

EDUARDO LONGO E AS IDEIAS RADICAIS NA DÉCADA DE 1970

Renata Nascimento Pereira (IC) e Felipe Araújo Contier (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é retratar a trajetória do arquiteto Eduardo Longo, compreendendo profundamente o ambiente de sua formação na Faculdade de Arquitetura Mackenzie, quando realizou seus projetos de maior relevância, segundo a crítica. As influências que o levaram a transição de sua arquitetura escultórica para o estudo da Casa Bola, abrangendo movimentos arquitetônicos nacionais e internacionais presentes na década de 1970 que ocorreram paralelos ao projeto da Casa Bola. Além do levantamento das obras mais recentes do arquiteto.

Palavras-chave: Eduardo Longo; História da arquitetura; Arquitetura moderna

ABSTRACT

The purpose of this research is to portray the trajectory of the architect Eduardo Longo, with a deep understanding of the environment of his education at the Mackenzie School of Architecture, when he carried out his most relevant projects, according to the critics. The influences that led him to transition from his sculptural architecture to the study of Casa Bola, covering national and international architectural movements present in the 1970s that occurred parallel to the Casa Bola project. In addition to a survey of the architect's most recent projects.

Keywords: Eduardo Longo; Architecture history; Modern architecture

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa de Iniciação Científica “A casa bola de Eduardo Longo e as ideias radicais na arquitetura paulista nos anos 70”, é parte do projeto “Acervos de arquitetura e historiografia”¹, focada na relação entre a historiografia da arquitetura e as fontes primárias, sendo um de seus objetivos identificar acervos de arquitetos egressos da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (FAM) e alargar a compreensão da realidade profissional e da cultura arquitetônica brasileiras.

Eduardo Longo se formou na FAM em 1966. Ainda na faculdade, realizou seu primeiro projeto: a Casa do Mar-Casado, localizada no Guarujá, sob orientação do professor Franz Heep. Longo é conhecido por sua produção que divergia do cenário da arquitetura nacional. Um de seus projetos mais emblemáticos é a Casa Bola, desenvolvido visando a produção em larga escala desse modelo.

Intrínseca a obra de Longo está o pensamento hippie da década de sessenta e setenta, na qual o arquiteto norteou sua pesquisa sobre a Casa Bola sob influência da utopia futurista de Richard Buckminster Fuller, baseando-se na aposta de uma síntese arquitetônica dinâmica, leve e industrializável.

Longo teve seus projetos publicados em dezesseis revistas segundo o Índice de Arquitetura Brasileira, além da publicação na Revista Domus e da nota escrita por Pietro Maria Bardi na revista “Mirante das Artes”, conta com um livro bibliográfico publicado que aborda suas obras, é mencionado em diversas teses e dissertações e, panoramas de história da arquitetura, como Bruand (1985).

O presente trabalho se dedicou a registrar a sua trajetória profissional através do levantamento documental de revistas, da revisão bibliográfica e das entrevistas realizadas com arquitetos formados no mesmo período.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Eduardo Longo e a Faculdade de Arquitetura Mackenzie

O arquiteto Eduardo Longo nasceu na cidade de São Paulo em 26 de junho de 1942. Filho de família paulistana com descendência italiana, seu pai Jayme Watt Longo era engenheiro agrônomo e sua mãe Olga Lunardelli Longo, do lar (CARRANZA, 2004). Quando decidiu ingressar em um curso superior, Longo teria pensado em cursar direito ou seguir a profissão do pai. Segundo o arquiteto relatou em entrevista, a escolha de cursar arquitetura

¹ Projeto coordenado pelo prof. Felipe Contier e desenvolvido dentro da linha de pesquisa “Arquitetura e Documentação” do Grupo de Pesquisa Historicidades: Cultura Arquitetônica e Urbana no Brasil.

no Mackenzie se deu ao acaso e sem pretensão. A ideia teria surgido durante uma viagem à Europa, na qual uma namorada sugeriu que ele fizesse arquitetura, pois gostava de desenhar.² A partir desses depoimentos, tentei compreender seu ambiente de formação ampliando a bibliografia inicial, buscando relatos e entrevistando arquitetos egressos que se formaram na Faculdade de Arquitetura Mackenzie no mesmo período.

Em 1961, Longo ingressou na Faculdade de Arquitetura Mackenzie. O cenário no campus Higienópolis era tumultuado e o momento marcado por longas greves estudantis que defendiam melhorias na qualidade do ensino, principalmente na Escola de Engenharia, mas com reverberações na Faculdade de Arquitetura (ABASCAL; BREIA; MANZO; MENDES; MINOZZI, 2016). O motivo das greves ocorreu por conta da “federalização” do Mackenzie. O Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (DAFAM) participou das greves que se estenderam por todo o semestre letivo, havendo pouquíssimas aulas durante esse período³.

Quando as aulas retornaram, Longo participou das eleições para o diretório acadêmico e se candidatou como vice-presidente da chapa – identificada com a direita – que foi eleita com o lema: “*Mais arquitetura, menos política*” (SERAPIÃO, 2013). Neste cargo, ficou responsável pela promoção de palestras com artistas e arquitetos, entre os quais, Rino Levi.

Apesar de Eduardo Longo não se identificar com as ideias da direita ou da esquerda, as conversas na faculdade ainda estavam voltadas para a política. O estudante tampouco demonstrava interesse por arquitetura e, nas palavras dele, tinha uma “ignorância absoluta sobre modernismo”.

No segundo ano da faculdade, em 1962, Longo iniciou suas atividades profissionais com o escritório “Barraco” que criou junto de seus colegas de turma, Álvaro Macedo Neto, Ailton Campbell, Adilson Guedes, Nilson Campos, Pedro Giordano Neto, Marthan Martins França, Silvio Bussab, João Batista Correia, Aristides Mariutti e Roberto Fasano, onde se reuniam para conversar, realizar atividades da faculdade e pequenos projetos de reformas (CARRANZA, 2004). Foi nesse período que Longo participou da construção de uma casa na Rua Augusta, projetada pelo professor Francisco Kosuta, com materiais de demolição (Fig. 1 e 2).⁴

² A namorada na época era Maya Knoll, filha dos designers Florence e Hans Knoll.

³ Relato do arquiteto em entrevista a autora

⁴ Longo define o projeto como algo “sem inventividade alguma”, a maior diferença foi a utilização de tijolos de demolição das casas da Avenida Higienópolis e janelas de pinho de riga.

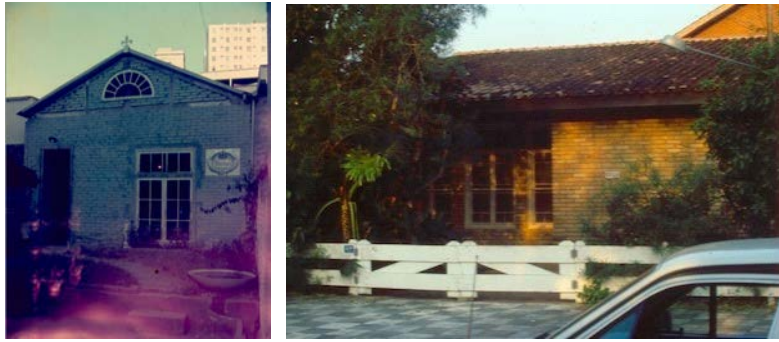


Fig. 1 e 2 - Residência com materiais de demolição na rua Augusta, São Paulo, c.1962. Projeto de Francisco Kosuta (com participação de Eduardo Longo). Foto: Autor desconhecido. Fonte: Arquivo de Eduardo Longo.

Em seu terceiro ano de faculdade, Longo realizou seu primeiro projeto sozinho: a Casa do Mar-Casado (1964), localizada no Guarujá, no litoral de São Paulo. Essa casa foi um marco de sua carreira e teve grande repercussão, sendo publicada em diversas ao longo dos anos.

Essa residência foi encomendada a Longo por seus tios, que eram pessoas “mais abertas e com ideias mais contemporâneas”. Eles teriam comprado o terreno e designado o projeto. Segundo o arquiteto, as plantas e o conceito do projeto foram resolvidos do dia para noite. Quando apresentou o projeto para seus tios, o arquiteto e amigo da família, Gian Carlo Gasperini, analisou os desenhos junto aos proprietários e disse: “*Pode fazer que é bom*”, contou Eduardo Longo em entrevista.

O desenvolvimento desse projeto aconteceu nas salas de aula do Mackenzie e no Barraco. Segundo Serapião (2013), o projeto contou com o entusiasmo de professores como Miguel Forte, identificado com a corrente orgânica de Frank Lloyd Wright, além dos modernistas Salvador Cândia, Eduardo Corona, Sydney de Oliveira e, principalmente, Franz Heep.

Sobre esse ponto, tanto Eduardo Longo quanto Vitor Lotufo (formado no Mackenzie em 1965) afirmaram em entrevista que a relação dos alunos do Mackenzie com os professores não era tão próxima quanto a dos alunos da FAU USP, localizada na rua Maranhão. Segundo eles, o Mackenzie seria menos teórico e mais profissional que a FAU USP e não teria professores de tanto destaque individual no ensino. E nessa visão dos antigos estudantes, se aprendia mais no pátio do Mackenzie do que na sala de aula.

Ao contrário das primeiras turmas da FAM, que buscavam conhecer arte e arquitetura modernas à revelia do diretor Cristiano Stockler das Neves (PEREIRA, 2005), as turmas do início da década de 1960 contestavam os ensinamentos da faculdade voltados

para a arquitetura moderna.⁵ Os estudantes se interessavam por alternativas aos ideais modernistas como pode ser visto na obra dos arquitetos Vitor Lotufo (Mackenzie, 1965) e Joan Villà (Mackenzie, 1968), por exemplo. Ainda assim, Longo possuía uma grande admiração pelo seu professor Franz Heep, que apoiou a sua maneira de fazer arquitetura desapegada ao racionalismo estrutural e o orientou no processo de construção da casa.

Ao produzir essa casa com um caráter mais escultórico, um desenho livre com traços não ortogonais e a composição orgânica, a arquitetura de Longo levantou críticas de colegas estudantes e professores simpatizantes do modernismo devido à “forma independente de interpretar a arquitetura” (CARRANZA, 2004), sem uma verdade estrutural, “achavam ridículo” descreveu o arquiteto.

A residência do Mar-casado possui 620 m² em um terreno de 5000 m² construída em concreto armado e alvenaria, a cobertura de concreto se assemelha a uma abóbada, subtraindo a necessidade de pilares centrais e oferecendo mais liberdade ao espaço interno. Bruand (1985) descreveu a casa:

“É interessante notar que essa concepção expressou-se com maior vigor pela rejeição da curva e pelo triunfo da linha quebrada: o contorno das paredes externas e das paredes do corredor central, a elevação geral e o perfil da abóbada constituída por uma série de planos triangulares oblíquos que se encaixam num movimento contínuo, escalonado em 2,60 e 5,15 metros. A plasticidade do concreto, único material capaz de se prestar a formas tão flexíveis e complexas quanto as imaginadas pelo arquiteto, foi explorado sob todos os ângulos com um virtuosismo comparável ao de Oscar Niemeyer, mas com finalidades exatamente opostas.” (BRUAND, 1981).

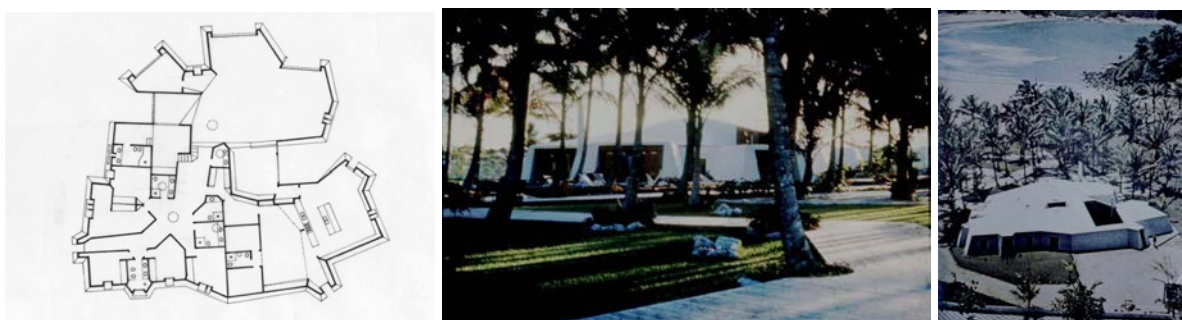


Fig. 3 a 5 - Planta da Casa do Mar Casado; Foto da casa. Foto: Autor desconhecido; Foto aérea da casa. Foto: Autor desconhecido. Projeto de Eduardo Longo, Guarujá, 1964 (Fonte: Arquivo de Eduardo Longo)

O volume da casa compõe com a paisagem da praia e valoriza a natureza do entorno, nesse sentido Bruand relaciona a obra de Eduardo Longo a uma vertente orgânica como de Frank Lloyd Wright. Um projeto único de uma casca de concreto, fechada para a

⁵ Entrevista de Vitor Lotufo a autora. Realizada em 08 de julho de 2022.

vista do mar, contendo a entrada excessiva de luz, dando mais privacidade aos espaços internos. A partir do conceito de criar uma colina, Longo define o projeto da Casa do Mar Casado como “uma arquitetura de timidez” e não de ousadia.

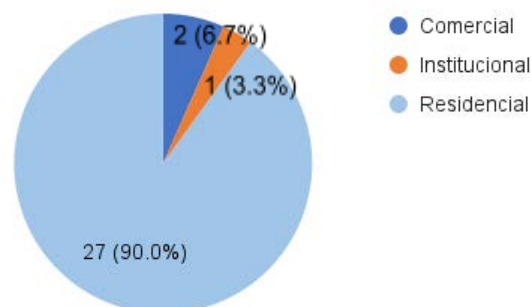
E apesar do bom momento profissional de Longo, em 64 também, irrompeu o regime militar no Brasil e os impactos na faculdade de arquitetura Mackenzie foram sentidos. Os movimentos estudantis que organizavam greves e assembléias “diminuíram e cessaram, pois eram perigosas reuniões naqueles tempos ditatoriais” (ABRUNHOSA; BREIA, 2017).

“É difícil de interpretar hoje a razão por que a Faculdade de Arquitetura Mackenzie se apressou a instalar, já no mês de abril de 1964, uma “Comissão de Inquérito” com a finalidade de apurar denúncias que implicavam docentes supostamente comunistas” (ABASCAL; BREIA; MANZO; MENDES; MINOZZI, 2016)

Essas questões políticas afetaram a vida pessoal de Eduardo Longo, ainda em 64, se casou com uma estudante de filosofia da USP e, segundo ele, seu apartamento virou um aparelho de proteção para os alunos da USP nos tempos de ditadura, o que o afastou um pouco da escola naquele momento. Seu casamento terminou em 1967, juntamente do Barraco.

Quando se formou em 1966, Longo já tinha um total de 8 obras construídas e mais tarde algumas de suas obras foram publicadas pela revista DOMUS em 68 e pelo historiador Yves Bruand nos anos 80 em seu livro “Arquitetura Contemporânea no Brasil” onde compara Longo com grandes arquitetos como Aalvar Alto e Oscar Niemeyer. Em março de 1967, Pietro Maria Bardi, que na época dirigia a revista Mirante das Artes, publicou uma nota, com desenho e fotografias, reconhecendo a importância da residência do Mar-Casado.

Com todo destaque gerado pela Casa do Mar Casado, de 1964 a 1972 o arquiteto projetou residências luxuosas no Paraguay, Rio de Janeiro e uma Igreja em Valparaíso, já no Guarujá projetou 13 casas (8 foram construídas) e em São Paulo fez 21 projetos, sendo que 12 deles são residenciais. Foi a sua fase de maior notoriedade.



Fonte: elaboração própria; dados retirados do arquivo de Eduardo Longo.

Apesar de assinar um projeto ainda na faculdade, Longo não trabalhou em nenhum escritório nesse período da graduação. Os conhecimentos técnicos foram adquiridos no canteiro de obras, Longo participa da fase de construção dos seus projetos buscando o melhor resultado e a economia de recursos. (SERAPIÃO, 2013) Vale ressaltar que na década de 70, Sérgio Ferro aborda em seu livro “O Canteiro e o Desenho” as péssimas condições de trabalho e falta de organização no canteiro de obras, até então o trabalho na obra era visto como algo sujo e sem valor pelos arquitetos da época que pouco participavam do canteiro de obras.

Contudo, para o arquiteto Vitor Lotufo essa prática de Longo participar da construção de seus projetos era algo contemporâneo para época e seus colegas de classe ficavam curiosos com a atitude.

Em 1970, projetou e fundou seu escritório junto de sua casa em um terreno que tem acesso por duas ruas: Amauri e Peruíbe. A casa-escritório é composta por dois volumes espelhados de concreto armado que de um lado abrigava a casa dele e da família (onde vivem até hoje) e do outro o escritório.

Esse foi um dos últimos projetos da primeira fase da carreira de Eduardo Longo, que durou de 1964 até 1972, quando fechou seu escritório. Segundo a arquiteta Ermínia Maricato (1983, p.20), “Eduardo inicia um processo de introversão, no qual a revisão dos valores pessoais é acompanhada de um diálogo permanente com sua própria casa”, pois, em uma atitude radical ele derrubou as paredes do térreo de sua casa e criou uma passagem pública entre as ruas Peruíbe e Amauri que permaneceu aberta durante 15 anos.

Fase de transição

A segunda fase da carreira de Eduardo Longo é marcada pela influência da contracultura, o arquiteto começou a questionar a arquitetura que fazia, por essa veia artística exagerada. Nas palavras dele, suas obras eram “mais uma obra de arte e escultura do que arquitetura”, a quantidade exagerada de materiais que utilizava para produzir essas formas orgânicas o incomodava. Então, começou a se interessar pelas questões urbanas e a partir daí aceitou apenas projetos de reformas, partindo sempre da intenção de deixar o térreo livre com uma planta mais aberta, como fez no projeto de sua casa-escritório. É possível perceber essa intenção na planta térrea da casa desenhada para Claudio e Carla Lunardelli em 1968 na Avenida Morumbi (Fig. 6), o arquiteto propôs um térreo aberto onde os carros pudessem passar pelo interior da casa, dividindo a residência em dois, porém esse projeto não foi aprovado pelos proprietários.

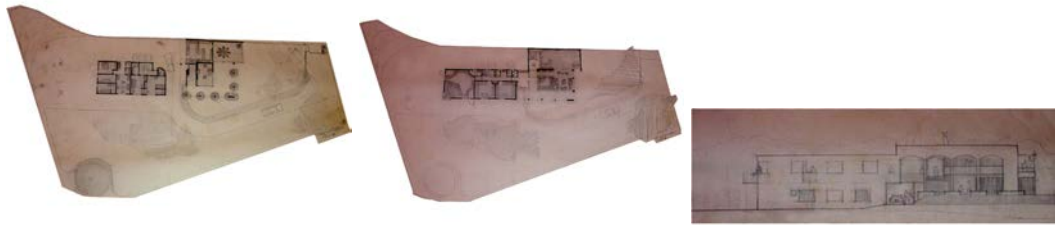


Fig 6 a 8 - Projeto de reforma para a Casa Claudio e Carla Lunardelli: Planta térreo; Planta do primeiro pavimento; Corte. Projetos de Eduardo Longo, São Paulo, 1972. Fonte: Arquivo de Eduardo Longo.

Na intenção de compreender a evolução do arquiteto, busquei sistematizar as obras de Eduardo Longo a partir dos desenhos enviados por ele e projetos listados em seu site, confrontando esses documentos com a listagem realizada pela Edite Galote Carranza e com outras publicações dessas obras, isso gerou uma lista de obras que contém 85 obras.

Ao realizar o levantamento das obras de Eduardo Longo, foi possível datar as atividades do arquiteto desde sua formação em 1966 até 1975, ano que realizou os seus últimos projetos antes de se dedicar ao estudo do Apartamento Bola. Nesse período, foram identificadas 39 projetos, sendo três comerciais, um institucional e trinta e cinco obras voltadas para residências de alto padrão. Os sete últimos projetos consistem em estudos para reforma que realizou após fechar seu escritório, dos quais dois desses estudos foram para seus parentes: Santo e Jeremias Lunardelli, mas apenas a última foi executada (Fig. 10).

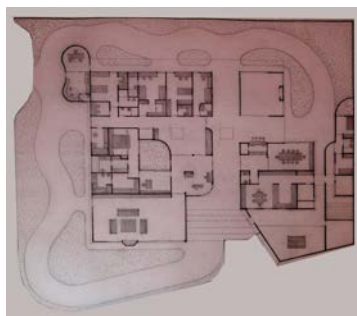


Fig. 9 - Planta térreo do projeto de reforma para a Casa Jeremias Lunardelli em 1975. O projeto original da casa é de Dan J. Antonio. Fonte: Arquivo de Eduardo Longo.

A Casa Bola

A terceira fase da produção de Eduardo Longo se inicia a partir de 1972, quando passou a estudar a ideia de um apartamento que fosse compacto pensando na possibilidade de industrialização e reprodução do módulo residencial para que pudesse atender a uma grande quantidade de pessoas. Longo acreditava que a fabricação em larga escala do

módulo permitiria um consumo responsável dos materiais utilizados para a construção.⁶ Nesse sentido, justificou o modelo esférico por ser o volume mais leve para ser fabricado e exportado, “um maior volume para uma menor superfície”.

O arquiteto em entrevista, argumenta que a Casa Bola não foi divulgada de maneira correta na época. Diz que seu projeto apareceu em discussões como uma alternativa para substituir favelas e outras relações que nunca havia imaginado. Ele afirma que não teve qualquer pretensão de projetar habitação de interesse social, visto que a Casa Bola visava atender a classe média. Como notado por Carranza (2014) , “[...] as propostas de Longo não tinham a intenção de resolver a problemática habitacional do país, porém, questionava um ponto fundamental, o desenvolvimento da construção civil a partir da tecnologia da pré-fabricação”.

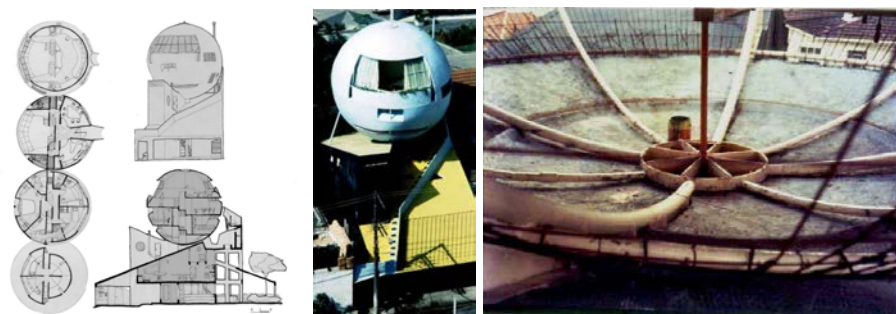


Fig.10 a 12 - Plantas e cortes da Casa Bola; Foto da casa construída; Base da esfera composta por tubos metálicos. Fotos: Autor desconhecido. Projeto de Eduardo Longo, São Paulo, 1979. (Fonte: Arquivo de Eduardo Longo)

As inspirações de Eduardo Longo, advinham principalmente das ideias do norte-americano Buckminster Fuller, tido como criador da cúpula geodésica formada por placas triangulares. Ademais, a Casa Dymaxion (c.1930), era um exemplo de baixo custo com materiais e partes industrializadas, cujo objetivo era a criação de um protótipo de casas produzidas em série assim como na fabricação de automóveis (BANHAM, 1979).

Para experimentar tais possibilidades, Longo construiu o protótipo de um apartamento esférico numa escala reduzida de 8:10 em cima da sua própria casa na rua Peruíbe-Amauri, no bairro do Itaim. Entretanto, a técnica utilizada pelo norte-americano era de difícil compreensão para Longo que possuía apenas experiências em canteiros de obras tradicionais.

A Casa-Bola demorou 5 anos para ficar pronta e foi construída de forma totalmente artesanal, num processo de experimentação comum também em outras obras do arquiteto. Ele se empenhou na realização desse projeto para entender todos os processos e formas de

⁶ Entrevista de Eduardo Longo a autora. Realizada em 23 de março de 2022.

construir: a estrutura de tubos metálicos que foi disposta em meridianos, os fechamentos externos foram feitos com argamassa armada, até a bacia sanitária que foi esculpida a mão. Apesar do caráter Low-tech, a casa foi pensada com o anseio de industrialização do modelo. A ideia era que os apartamentos bola fossem conectados em uma megaestrutura que pudessem ser facilmente transportados e substituídos por novos modelos.

A entrevista com o arquiteto não revela qualquer fundamentação teórica para a criação da Casa-Bola, o contexto, porém, estava rodeado por ideias "radicais" e propostas utópicas de caráter experimental, que exploravam a tecnologia do plástico, o conceito de cápsula, de mega estruturas urbanas e controle climático, entre outros elementos do universo da ficção científica e da corrida espacial.

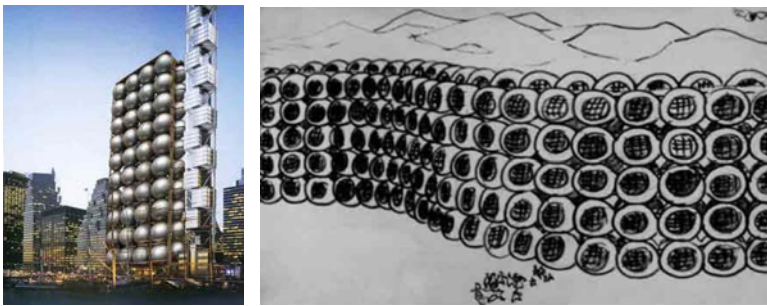


Fig. 13 e 14 - Maquete eletrônica do Edifício LHS; Croqui de estudo das “Bolas Voadoras”. Projeto de Eduardo Longo, 1980. (Fonte: Arquivo de Eduardo Longo)

O Archigram era um desses grupos. Em 1965, o diretor de televisão, David Greene, elaborou o Living Pod Project, um estudo de uma casa cápsula que se transformaria em um trailer e eventualmente poderia ser plugada em uma estrutura maior. Similar à proposta das megaestruturas de encaixe dos Metabolistas japoneses. Embora essas semelhanças de ideias sejam evidentes para quem vê hoje, Eduardo Longo afirma que não tinha conhecimento desses movimentos quando começou a estudar as Bolas.

No fim das obras da Casa Bola, treze anos após a formatura do arquiteto na FAM, Longo relata que encontrou seu professor Heep na praia do Guarujá e ele o teria dito: “Para com essa bobagem de bola! Para com essa bobagem, isso é uma idiotice. Você vai acabar fazendo uma casa para um parente no Morumbi e nunca mais”. Quando o protótipo ficou pronto, em 1979, em meio ao entusiasmo por aquela arquitetura nada convencional, seus pais encomendaram um projeto de “casa bola”. Ainda que a ideia da Casa Bola na rua Peruíbe/Amaurí fosse a de apartamentos plugados em uma estrutura maior, Longo projetou sua segunda Casa Bola na Rua Gália. Essa proposta foi a oportunidade para o arquiteto construir a Casa Bola na escala que julgava correta, com 10m de diâmetro (LONGO; MARTINS, 2022). Essa casa foi o tema de um episódio no programa de televisão norte americano “World Most Extreme Homes” em 2007, e foi publicada na revista “Arquitetura e

Urbanismo”, nº 12, edição de junho de 1987, onde ele afirma em entrevista que, apesar de sua arquitetura anterior não possuir qualquer intenção de se apoiar em uma forma geométrica, hoje procura fortemente a simetria.

“A esfera é o que há de mais geométrico e meus últimos projetos seguem essa linha. [...] No sentido de racionalizar e de não precisar de tanto malabarismo para atingir o espaço emocionante. A Arquitetura deve ser bonita e agradável.” (LONGO, 1987)

Paralelos na arquitetura

A tipologia da Casa Bola da rua Gália, é similar à desenvolvida pelo artista Dries Kreijkamp, que em 1984 projetou uma tipologia residencial esférica com base cilíndrica que comporta uma escada que dá acesso à casa. As Bolwoningen Houses, como foram chamadas, são compostas de peças pré-fabricadas, tendo como objetivo produzir residências econômicas e fáceis de construir. Cinquenta dessas casas foram construídas na cidade holandesa de Den Bosch. O artista não tinha a intenção de criar uma megaestrutura com as casas, mas estudar novas possibilidades de habitação (MERLIN, 2015).⁷

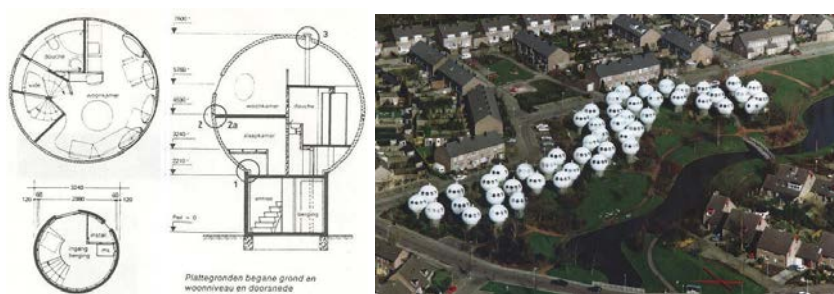


Fig. 15 e 16: Desenhos técnicos das Bolwoningen House. Projeto de Dries Kreijkamp; Foto aérea das casas implantadas em Des Bosch (fonte: Hidden Architecture).

Na tentativa de compreender a conjuntura histórica do período, a entrevista com o arquiteto Vitor Lotufo retrata o cenário artístico, musical e cultural como um importante fator de inspiração para aquela geração de 70. Assim como Eduardo Longo, Lotufo é formado na Faculdade de Arquitetura Mackenzie e concluiu o curso em 1965, um ano antes de Longo. Além disso, ambos possuem uma produção alternativa ao modernismo e a Escola Brutalista Paulista, construindo habitações em formato esférico pensando em uma residência mínima e compacta, preocupados com a sustentabilidade e com os impactos da construção ao meio ambiente.

Diferente de Longo, Lotufo se aprofundou nos estudos da estrutura geodésica de Buckminster Fuller, em 1979 o arquiteto projetou a “Casa Geodésica” em Botucatu. O

⁷ As casas de Bosch são mais leves que a Casa Dymaxion de Buckminster Fuller (MERLIN, 2015).

projeto de Vitor partia do mesmo princípio da construção de uma casa mínima, pensando na redução de custos e dos impactos ambientais, ele utilizou materiais pré-montados em módulos triangulares de madeira compensada e caibros.

Eduardo Longo reabre seu escritório, em 1980, seguindo uma linha racionalista, projetando casas com pilotis na intenção de deixar o térreo livre. Foi possível identificar 13 projetos que datam de 1980 até 2003, a maioria desses projetos são residenciais e não foram construídos. Ainda assim, o projeto da residência para Renata Alves Lima (RAL)⁸ na rua Coronel Irlandino Sandoval, foi publicado pela revista Arquitetura e Urbanismo (jun. 1987) e as oito folhas de desenhos originais compõem o Acervo Biblioteca da FAU USP.

Continuou estudando a tipologia esférica por muitos anos, em 82 iniciou sua pós graduação na FAU USP com o título “Habitações removíveis em mega-estruturas transparentes”, a fim de aprofundar seu conhecimento teórico para fundamentar sua obra.

Mais tarde, em 1988, fez uma viagem ao Japão na tentativa de vender sua ideia, considerando agora o cenário japonês do “Metabolismo” e a alta densidade populacional do país. Apresentou sua ideia em uma grande empresa, mas sua empreitada não teve sucesso, pois, segundo ele, lhe disseram que esse projeto deveria ser muito bom para o Brasil, visto que o país tem muito mais espaço para esse tipo de construção. Todavia, a Casa Bola não teve espaço em nenhum dos dois países, mas o arquiteto ainda acredita no potencial de sua ideia.

Ele acreditou que a humanidade e a construção civil caminhariam para o “menos”, mas ao contrário do que imaginou a arquitetura caminhou para as formas escultóricas - com Frank Gehry e Zaha Hadid - que foi de onde partiu.

Ainda assim, em agosto de 2011, o arquiteto Rem Koolhaas visita a Casa Bola de Eduardo Longo, junto da esposa Madelon Vriesendorp, de Hans Ulrich, curador da Serentine Gallery e do arquiteto Gabriel Kogan. Koolhaas estava realizando uma pesquisa sobre metabolismo na época que resultou no livro “Project Japan: Metabolism Talks” publicado pela Taschen. Nessa visita, Longo revela que Koolhaas teria dito: “Foi a melhor experiência que tive nos últimos dez anos”. E para a Revista Bamboo, Gabriel Kogan escreveu sobre a visita de Rem Koolhaas no Brasil onde descreve a Casa Bola como “[...] puro metabolismo brasileiro regado à cultura hippie verdadeira”.

Após isso, as plantas originais do projeto executivo da Casa Bola, foram doadas à “Casa de Arquitetura” em Portugal, e em 2020 compuseram a exposição “Infinito Vão - 90 anos de arquitetura brasileira”, cuja curadoria foi de Fernando Serapião e Guilherme Wisnik.

⁸ Essa residência foi demolida e pode ser encontrada como “Casa RBM”.

Eduardo Longo e o urbanismo

Para Eduardo Longo, sua maior experiência como arquiteto foi o contato com o urbanismo e a ideia de uma quadra aberta, na qual as residências seriam elevadas para que o térreo ficasse livre, conectando as quadras e atribuindo um uso público àquele espaço. Contrário às construções do início de sua carreira, que isolavam o entorno dando um caráter mais introvertido.

Com base em um texto cedido, de autoria de Eduardo Longo e Alberto Martins, é possível entender a vertente das obras mais recentes do arquiteto, que busca principalmente “viver o coletivo”. Ele trabalha o conceito de “Sobresolo” que consiste em elevar os espaços de convivência e de circulação para que essas dinâmicas sociais e coletivas aconteçam acima do chão.



Fig. 17 a 19 - Proposta de Eduardo Longo para o Concurso Público Nacional - Reconversão Urbana do Largo da Batata em 2001.

Os projetos apresentados para o Largo da Batata (2000), a Avenida Vital Brasil (1990), a Avenida Paulista (1996), o Elevado Costa e Silva (2006) e os Terraços da Amauri (2007) partem todos do mesmo conceito de “sobresolo”. Esse último em especial é estudado até hoje pelo arquiteto.

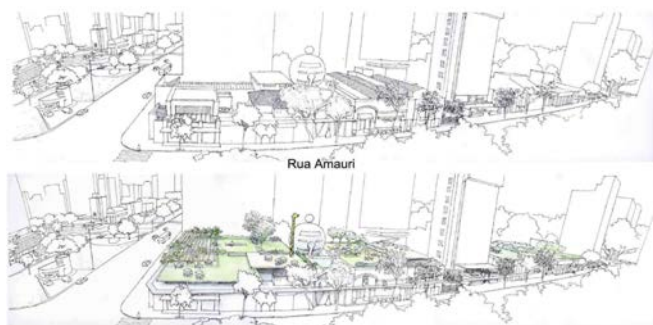


Fig. 20 - Terraços da Amauri (2007 - 2012). Rua Amauri com terraços ajardinados e passarelas sobre a calçada. Desenhos de Eduardo Longo. Fonte: Arquivo de Eduardo Longo.

Por fim, fica evidente a transformação do pensamento de Eduardo Longo ao passar dos anos, o abandono completo da arquitetura escultórica, aclamada no início de uma promissora carreira, para seguir uma idealização utópica e futurista de cidade. Contudo,

Longo não tem interesse algum em voltar para a arquitetura que fazia no período de faculdade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luz dessa pesquisa, a investigação sobre a trajetória e a produção arquitetônica de Eduardo Longo se faz relevante no que diz respeito à história dos arquitetos paulistas e importância acadêmica de entender suas contribuições para a arquitetura.

A biografia de Eduardo Longo escrita por Fernando Serapião, assim como a maioria das publicações, artigos e dissertações sobre o arquiteto, discorre muito sobre a Casa do Mar Casado no Guarujá e sobre a Casa Bola, porém essas duas obras não representam todo o conjunto de 85 projetos.

O método de revisão bibliográfica e levantamento documental resultou em uma extensa bibliografia sobre o arquiteto, isso possibilitou a apresentação de informações mais recentes sobre a trajetória de Eduardo Longo. E com a sistematização das obras, compreende-se a situação atual do vasto acervo que o arquiteto possui em sua residência, se faz evidente a importância da preservação desse material pelo caráter histórico e para que futuramente tenha a possibilidade de integrar um centro de documentação sobre os arquitetos egressos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie.

4. REFERÊNCIAS

AFLALO, Marcelo. "Em tempos de "ismos". A obra de Eduardo Longo". **Resenhas Online**, São Paulo, ano 12, n. 143.03, Vitruvius, nov. 2013 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.143/4965>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BANHAM, Reyner. **Teoria e projeto na primeira era da máquina**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

BARDI, Pietro M. Uma Casa Diferente. **Mirante das Artes**, São Paulo, n.2, p. 24, mar. 1967.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth V. Brasil: arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BRUNA, Paulo J.V. **Arquitetura, industrialização e desenvolvimento**. São Paulo: Ed. Perspectiva / Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

BORGES, Adelia. A casa-bola, uma trajetória de vida proj. Eduardo Longo. **Design & Interiores**, São Paulo, vol. 17, p. 92-7, dez. 1989.

CARRANZA, Edite Galote Rodrigues. **Eduardo Longo na Arquitetura Moderna Paulista: 1961/2001**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

CARRANZA, Edite Galote Rodrigues. "Eduardo Longo: arquitetura e psicodelismo". In: **Arquitetura Alternativa : 1956-1979**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo). FAUUSP, São Paulo, 2012.

CARRANZA, Edite Galote. "Casas de Eduardo Longo: cultura, contracultura e arquitetura". **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, 2014.

CASA DE PRAIA. **Acrópole**, São Paulo, vol. 341, jul. 1967.

COMO UMA ASA-DELTA, O ABRIGO PARECE VOAR, proj. Eduardo Longo. **Arquitetura e Construção**, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 100-3, ago. 1991.

CURTIS, William. **Arquitetura moderna desde 1900**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

DEL CASTILLO, Miguel. Astronauta em Ítaca. **Drops**, São Paulo, ano 13, n. 067.07, Vitruvius, abr. 2013 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/13.067/4724>>. Acesso em: 25 julho 2022.

FABRICIO, Márcio M. "Industrialização das Construções: revisão e atualização de conceitos". **PÓS**, v.20, n.33, jun. 2013.

FELICETTI, Marcelo Augusto. "Ora bolas, era uma vez triângulos: reflexão sobre o espaço residencial na obra de Eduardo Longo – 1964/1980". São Paulo: InSitu, vol.1 n.2, p. 87-108, 2015.

FLORENCE, Luiz R. A. **Mecanismo e Paisagem: Reyner Banham e a América**. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo). FAUUSP, São Paulo, 2014.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2012.

KOGAN, G. Contracultura: Eduardo Longo. **Revista Bamboo**, São Paulo, 01 abr. 2012.

KOGAN, G. Pensador do Nosso Tempo: Entrevista com Rem Koolhaas. **Revista Bamboo**, São Paulo, 01 ago. 2011.

LIMA, Jorge Cunha. Um projeto para o homem deixar de ser quadrado. **Revista Casa Vogue**, São Paulo, n. 1, 1980.

LOPES, Matheus Franco da Rosa. **Os arquitetos não-alinhados: contrapontos entre o contexto, discurso e a produção de um grupo de arquitetos paulistas (1977-1985)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

MARICATO, Erminia. Quando a arquitetura é reflexo de uma transformação pessoal profunda. **Projeto**, n. 48, fev. 1983, p. 20-2.

MENDES, Marcel; ABASCAL, Eunice; BREIA, Maria; MANZO, Rafael; MINOZZI, Celso. **A arquitetura moderna no Brasil e a contribuição do engenheiro Roberto Rossi Zuccolo para a formação dos alunos da faculdade de arquitetura Mackenzie e sua atuação profissional**. Relatório Técnico de Pesquisa. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, jun. 2016.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 2009.

PADOVANO, Bruno. "Arquitetura Contemporânea no Brasil: O que aconteceu depois de Brasília?". **Revista de Cultura Brasilenã**, set. 1998, p. 14-99.

PARA OBSERVAR O HORIZONTE. **Arquitetura e Construção**, São Paulo, v. 8, n. 6, p. 60-9, jun. 1993.

PEREIRA, G. **Christiano Stockler das Neves e a formação no Curso de Arquitetura no Mackenzie College. Um estudo sobre a disseminação dos métodos da "École des Beaux-Arts de Paris e das "Fine-Arts Schools" norte americanas**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

RESIDÊNCIA; proj. Eduardo Longo. **Módulo**, São Paulo, n. 85, p. 82, maio 1985.

RESIDÊNCIA AFFONSO HENNEL (1970); projeto de Eduardo Longo. **A Construção São Paulo**, São Paulo, vol. 1805: p. 21, 1982.

RESIDÊNCIA MANUEL PIRES DA COSTA (1970); projeto de Eduardo Longo. **A Construção São Paulo**, São Paulo, vol. 1805, p. 20, 1982.

PRÓSPERO, Victor Piedade de. Megaforma e megaestrutura: categorias entre técnica, território e lugar, e sua pertinência na arquitetura brasileira. In: **Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo - Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo**, São Carlos, v. 16, nº1, 2018, pp. 82-102

ROCHA, Silvério. INDUSTRIALIZAÇÃO APLICADA AO PROGRAMA, proj. Eduardo Longo. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 36, p. 84-9, jun/jul. 1991.

ROSA, Wilhelm. **Arquitetura industrializada: a evolução de um sonho à modularidade**. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2006.

SABBAG, Haifa Y. "EDUARDO LONGO: a busca da transparência". **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, vol. 12, p. 47-52, jun./jul. 1987.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SERAPIÃO, Fernando. **Sobre bolas e outros projetos**. São Paulo: Editora Parallaxe, 2013.

TRÊS ARQUITETOS, TRÊS COZINHAS DIFERENTES: Uma cozinha a bordo. São Paulo: **Casa & Jardim**, vol. 301, p. 44, fev. 1980.

UMA CASA DE PRAIA. **Casa & Jardim**, São Paulo, vol.187, ago 1970

UM ESQUEMA LINEAR TRADUZ O PARTIDO DO PROJETO; projeto de Eduardo Longo. **Casa & Jardim**, São Paulo, vol. 224, p. 92-8, set. 1973.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos A. C.; CORONA, Eduardo. **Arquitetura moderna paulistana**. São Paulo: Pini, 1983, p.131.

ZEIN, Ruth Verde. **A arquitetura da escola paulista brutalista 1953-1973**. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005

ZEIN, Ruth V. "Residência "Bola": (Nova proposta)". **Projeto**, n. 73, mar. 1985, p. 72-3.

Contatos: 41992237@mackenzista.com.br e felipe.contier@mackenzie.br